



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

A ESTRATICAÇÃO DO SUBJUNTIVO: UM ESTUDO DO PORTUGUÊS POPULAR

Vânia Raquel Santos Amorim
(UESB)

Valéria Viana Sousa
(CNPq)

RESUMO

Neste trabalho, apresentamos um estudo sobre a alternância entre as formas do indicativo e do subjuntivo em orações completivas introduzidas pelo *complementador que* na língua falada da comunidade conquistense. Teoricamente, a pesquisa está baseada nos pressupostos do Sociofuncionalismo, tomando como referência, sobretudo, os teóricos Givón (2001, 2011); Labov (2008) e Weinreich, Labov e Herzog (2006). Com relação à análise desse fenômeno linguístico em situações de uso, os dados empíricos utilizados pertencem ao *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista e foram submetidos ao sistema analítico GoldVarb. No estudo quantitativo, do ponto de vista dos fatores linguísticos, o grupo de fator *tipo de oração* indicou um grande índice frequencial de uso do subjuntivo em orações completivas. Dentre os demais resultados, o subjuntivo foi favorecido através do valor semântico do verbo da oração matriz associado à modalidade deôntica (*irrealis*) e pela presença das orações afirmativas (estrutura da assertividade da oração). Em relação aos fatores extralinguísticos, os dados revelam que a variante mais prestigiada concentra-se na fala do gênero/sexo feminino. Também, nossa pesquisa evidencia que o nível de escolaridade, ainda que precário, exerce influência no uso do subjuntivo. O resultado dessa pesquisa, do ponto de vista sociolinguístico, sinaliza um processo de mudança em progresso e, do ponto de vista funcionalista, encontra respaldo no Processo de Gramaticalização.

· Mestre em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e integrante do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq. (quelva@hotmail.com)
· Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (área de concentração em Linguística e em Língua Portuguesa) e coordenadora do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq. (valeriavianasousa@gmail.com)



PALAVRAS-CHAVE: Subjuntivo, estratificação, Gramaticalização.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é direcionado pela visão de que a língua é dinâmica e a gramática é moldada a partir das necessidades de comunicação e suscetível a constantes mudanças devidas às pressões de uso pelos falantes.

Cientes de que a variação/mudança no sistema linguístico não é um processo engessado, mas tem relação com as estratégias comunicativas buscadas pelos usuários no diversos contextos de uso, buscamos compreender quais as forças linguísticas e extralinguísticas da língua motivam os falantes à variação do modo subjuntivo. Sendo este o nosso objeto de estudo, propomo-nos a investigar indícios de variação desse modo verbal no Português falado da comunidade conquistense.

Os dados para a pesquisa são compostos por uma amostra de 24 informantes extraídos do *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista (*Corpus PPVC*). Tomando como referência, sobretudo, os teóricos Givón (2001, 2011); Labov (2008); Weinreich, Labov e Herzog (2006) e Gramáticas Normativas, o presente trabalho compõe-se de seis seções, a saber: Nesta seção 1, fazemos um panorama do trabalho a ser desenvolvido (objeto de estudo, objetivo, metodologia, *Corpus*, referencial teórico). Na seção 2, abordamos as categorias modo verbal, modalidade e a interface entre as teorias da Sociolinguística e do Funcionalismo. Na seção 3, dedicamos aos procedimentos metodológicos. Na seção 4, tratamos das discussões dos resultados da pesquisa. Na seção 5, é reservado às considerações finais e, por fim, as referências.



O MODO SUBJUNTIVO NA TRADIÇÃO GRAMATICAL

Na Tradição Gramatical, os gramáticos Cunha e Cintra (2001), Bechara (2004) e Almeida (2009) consideram os modos indicativo e subjuntivo como uma oposição binária relacionados respectivamente a fatos certos e incertos.

A esse respeito, Perini (1998) opina que a distinção entre “certeza” e “incerteza” não desempenham um papel fundamental e suficientemente esclarecedor para determinar o emprego desses modos. Por exemplo, podemos retomar, aqui, a definição do modo verbal posto por Kury (1964, p. 71): “Indicativo (em que assegura um fato); Subjuntivo (em que se enuncia um fato com dúvida); Imperativo (em que queremos que um fato se dê)”. O próprio gramático reconhece que a definição de modo verbal tem um valor relativo quando tentamos analisar o futuro do indicativo nas seguintes construções apresentadas por ele: 1) *Ela chegará hoje?* 2) *Não matarás.* 3) *Discordarão alguns desta orientação.* (KURY, 1964, p.71).

No primeiro exemplo, o modo indicativo pode expressar dúvida; na segunda frase, ordem e, na terceira, possibilidade. Como compreender essa fluidez dentro da Tradição Gramatical? Já que não encontramos nos compêndios gramaticais uma razão lógica nos seus fundamentos para explicar algumas situações do uso do subjuntivo, buscamos entender a variação desse modo verbal pelo viés da teoria Sociofuncionalista, analisando, assim, fatos reais da língua em pleno uso.

A MODALIDADE *IRREALIS*

A modalidade *irrealis* é uma categoria muito importante no estudo do subjuntivo, porque, segundo Givón (2001), este modo verbal está inserido no contexto *irrealis*. A modalidade emerge na interação, ou seja, é de base comunicativa e definida por ele



como a atitude do falante no que se refere à proposição epistêmica (probabilidade, verdade, certeza) e deôntica (manipulação, preferência, obrigação).

Segundo o autor, o submodo epistêmico associa-se ao eixo semântico de verbos de baixa certeza e o submodo deôntico relaciona-se ao escopo de verbos de fraca manipulação. A

integração entre a oração nuclear e a oração adjacente depende das propriedades inerentes ao valor semântico do verbo da matriz.

Muitos estudos da Tradição Linguística atestaram que o valor semântico do verbo da matriz exerce influência na conexão sintática entre as cláusulas condicionando o uso de formas do subjuntivo nas estruturas de complementação. (CARVALHO, 2007; LIMA, 2012; PIMPÃO, 2012).

Na presente pesquisa, à luz dessas questões, analisaremos através dos valores semânticos dos verbos em quais categorias de verbos se emprega mais a forma subjuntiva.

O FUNCIONALISMO E A SOCIOLINGUÍSTICA: TEORIAS EM DIÁLOGO

A Sociolinguística e o Funcionalismo constituem teorias que se unem por reconhecerem a heterogeneidade da língua e por priorizarem seu uso real como ponto basilar para explicar processos de variação e mudança. Essa interface entre as teorias e a articulação dos seus princípios recebe a denominação de Sociofuncionalismo.

Diante dessa aliança entre as teorias, propomo-nos à integração dos seguintes pressupostos: na perspectiva funcionalista, as noções de marcação, a modalidade na visão givoniana e três dos cinco princípios de gramaticalização estabelecido por Hopper (1991): estratificação, divergência e persistência. E, na visão Sociolinguística, nossa análise se centrará na correlação dos fatores de ordem extralinguística (variáveis sexo, faixa etária e nível de escolaridade).



A respeito do princípio da marcação, Givón (2011) estabelece os seguintes critérios: (1) A variante mais marcada tende a exibir maior complexidade estrutural em relação ao padrão neutro (estrutura não-marcada) - Critério da *complexidade estrutural*. (2) A estrutura marcada apresenta uma distribuição de frequência menor em relação ao padrão neutro - Critério da *restrição distribucional*. (3) A variante mais marcada é cognitivamente considerada mais complexa em relação ao padrão neutro - Critério da *complexidade cognitiva*.

Em relação à modalidade, seu conceito se baseia na visão givoniana entendida como a atitude do falante no que se refere à proposição epistêmica e deôntica.

No tocante ao princípio de Gramaticalização, a estratificação se torna relevante para a pesquisa, porque esse princípio está relacionado à concomitância de formas que codificam uma mesma função. Podemos reconhecer esse princípio no estudo do modo subjuntivo quando ocorre a alternância das formas indicativas e subjuntivas em contexto de subjuntivo.

Pensamos na divergência como o Processo de Gramaticalização da forma variante (o modo indicativo) com a permanência na língua de sua forma primeira (a forma subjuntiva). E, no princípio da persistência, percebemos o valor de subjuntivo que permanece, mesmo com a alternância com a forma indicativa.

Mediante a junção dos preceitos mencionados entre as vertentes teóricas, estamos certos de que isso nos permitirá a ampliação na compreensão e análise do nosso fenômeno linguístico. Diante disso, assumimos a possibilidade da associação entre essas teorias, mostrando isso a partir de algumas semelhanças entre os seus aportes teóricos e metodológicos, como também, através do diálogo entre o trabalho realizado por Tavares (2003), que dedicou, em sua tese, um capítulo sobre o que ela denomina de casamento entre a Sociolinguística e o Funcionalismo.

Revisitando os aportes teóricos e metodológicos do Funcionalismo e da Sociolinguística, podemos encontrar algumas semelhanças que nos possibilitam um diálogo entre essas teorias, como veremos a seguir.



Camacho (2001) nos diz que nas bases dos postulados da Sociolinguística, a variação é inerente ao sistema linguístico. Essa convicção de que a língua passa por um processo de alteração constante no sistema linguístico também é encontrada na teoria funcionalista na afirmação de Givón (2011, p.17): “a língua muda constantemente”.

Mollica (2007, p.9), ao falar sobre a variação, expressa que a Sociolinguística “estuda a língua em uso no seio da comunidade de fala”. O Funcionalismo, por sua vez, “procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso.” (CUNHA, COSTA, CEZÁRIO, 2003, p. 29).

Outro princípio preconizado pela Sociolinguística, parte do pressuposto “de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais.” (MOLLICA, 2007, p.10). Na hipótese funcionalista, também, observamos essa semelhança quando essa teoria considera que há “uma relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação.” (MARTELOTTA, 2011, p. 55, 56).

Essas são apenas algumas semelhanças que podemos encontrar entre o Funcionalismo e a Sociolinguística. Podemos resgatar Tavares (2003) e encontrar outros exemplos, a saber: (i) a mudança linguística ocupa uma posição de destaque e pode ser compreendida como um fenômeno contínuo e gradual; (ii) a prioridade que se atribui à língua em uso é afim nas duas teorias e (iii) os dados sincrônicos e diacrônicos não são tomados de maneira indissociáveis no estudo linguístico.

Apesar de tantos pontos em comum entre o Funcionalismo e a Sociolinguística, por se tratar de teorias distintas, em termos de princípios e metodologia, as semelhanças entre elas, por vezes podem se dar de maneira superficial. Reconhecemos que alguns tópicos são inconciliáveis quando se trata de teorias distintas. Nesse caso, aspiramos das palavras de Pires de Oliveira (1999) quando expressa ser possível a construção de coerências diante das diferenças, porque podemos compreender “os termos de uma teoria na linguagem da outra”, (PIRES DE OLIVEIRA, 1999, p. 11), surgindo, então, uma



linguagem comum. Seria um diálogo entre as diferenças existentes entre alguns conceitos incompatíveis entre elas.

E, como Tavares (2003), enuncia, nesse processo de diálogo, ocorrerá uma espécie de negociação, interpretação e adaptação entre os pressupostos teórico-metodológicos até se tecer uma conversa compreensível, na qual cada um terá clareza do seu lugar, ou seja, da diferença existente em relação ao outro, para, por fim, o casamento ser constituído de fato e o Sociofuncionalismo ser gerado.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os dados da nossa pesquisa foram extraídos do *Corpus* PPVC constituído pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e pelo Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo-CNPq. A amostra foi composta por 24 informantes, estratificados da seguinte forma: sexo (masculino/feminino), faixa etária (Faixa I: de 15 a 35 anos; Faixa II: de 36 a 70 anos; Faixa III: com mais de 70 anos de idade) e grau de escolaridade (sem escolaridade ou até 5 anos de escolarização). Os dados foram codificados e submetidos ao programa estatístico GoldVarb.

Na próxima subseção, descrevemos, analisamos e discutimos os resultados da pesquisa a partir dos fatores linguísticos e extralinguísticos selecionados pelo programa como estatisticamente relevantes.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nesta subseção, temos o objetivo de apresentar os resultados percentuais e probabilísticos gerais do uso variável do modo subjuntivo. Após a rodada no Programa GoldVarb, os seguintes grupos de fatores foram selecionados: (i) variável estrutura da assertividade da oração e (ii) variável tipo de oração matriz.

Como dizem Guy e Zilles (2007, p.185) “parar depois da primeira rodada, porque o grupo não foi selecionado como significativo, implicaria perder uma descoberta muito interessante”. A fim de entendermos o motivo de nenhuma variável social ter sido selecionada, à semelhança de Pimpão (2012), analisamos o uso do modo subjuntivo por informante e notamos que a realização mais produtiva desse modo verbal estava na fala de (M.J.P.S)^{§§}. Realizamos, então, uma segunda rodada, e, excluindo essa informante, a variável nível de escolaridade foi selecionada.

Na nossa amostra tivemos um total de 87 ocorrências com os seguintes percentuais discriminados na tabela 1, a seguir:

Tabela 1: Variação do subjuntivo em orações completivas

Formas	
Subjuntivo	54 (62%)
Indicativo	33 (38%)
Total	87

Os resultados dessa pesquisa mostram que, de um total de 87 ocorrências em que se prescreve o uso do modo subjuntivo, registram-se 54 ocorrências de formas do subjuntivo em contexto de subjuntivo perfazendo um total de 62%% e 38% na forma indicativa em contexto de subjuntivo.

No tratamento variável do subjuntivo, este modo verbal se constitui o modo não marcado e apresenta as seguintes características: não marcado, pois apresenta um contexto de ocorrência maior, com menos complexidade estrutural e menos complexidade cognitiva.

^{§§} A informante é mulher, pertence à faixa etária II, com grau de escolaridade – 3ª série. A informante realizou um total de 15 ocorrências com o uso da forma subjuntiva.



O modo subjuntivo, por se constituir a forma não marcada, pode, consoante a visão givoniana, sofrer erosão de uma maneira mais fácil. É necessário frisar que a emergência da nova forma – o indicativo – não acarreta, necessariamente, o desaparecimento da forma mais antiga – o subjuntivo – e, então, neste momento, tomamos a posição de acionar três dos cinco princípios estabelecidos por Hopper (1991) para entendermos os estágios e graus de Gramaticalização pelos quais o subjuntivo pode passar: estratificação, divergência e persistência.

Para Hopper (1991), o princípio da estratificação em relação ao nosso fenômeno linguístico, ocorre da seguinte maneira: dentro de um mesmo domínio funcional, a forma indicativa surge como uma nova camada que marca a função que é exercida pela forma mais velha – o subjuntivo. Observemos os seguintes fragmentos de fala:

- (1) [...] aí ele falou bem assim: Tu quer [nem] **que** eu **VÁ** arrumar pra tu? [...] (E.S.P)
(2) [...] ele falou assim: “Quer **que** eu **VÔ** com você?” (E.F.O)

O verbo *ir* em (2) mantém o mesmo valor nocional de incerteza do fragmento de fala em (1) mesmo com o emprego da forma indicativa *vou*. Essa forma variante do verbo *ir* (**vô0**) pode passar pelo Processo de Gramaticalização, mas a sua forma mais antiga (**vá**) pode se manter como um item autônomo, processo conhecido como divergência. E, se o valor do subjuntivo permanece, mesmo que, no processo de alternância, a forma utilizada seja a forma indicativa, Hopper (1991) categoriza esse processo como princípio da persistência.

Sabemos que essa estratificação ocorre porque o contexto comunicativo pressiona o sistema linguístico em virtude de uma necessidade de uso. Consequentemente, isso gera uma contínua remodelação ou reorganização das estruturas linguísticas e esses princípios estabelecidos por Hopper (1991) vêm trazer à luz a visão da gramática emergente, esclarecendo, assim, como esses processos e estágios da Gramaticalização podem ser compreendidos. Prosseguindo nesse diálogo a

fim de entendermos esse processo de variação/estratificação no uso do modo subjuntivo no *Corpus* PPVC, apresentamos, na próxima subseção, alguns resultados de análise a partir da seleção das variáveis linguísticas e extralinguísticas.

RESULTADOS DAS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

As variáveis tipo de oração matriz, estrutura da assertividade da oração e o nível de escolaridade foram selecionadas pelo programa GoldVarb.

RESULTADO DA VARIÁVEL TIPO DA ORAÇÃO MATRIZ

O resultado probabilístico do grupo de fator variável tipo da oração matriz está discriminado na tabela 2:

Tabela 2: Atuação da variável tipo de verbo da oração matriz na variação do subjuntivo

Tipo de verbo na matriz	Subjuntivo			Indicativo		
	Nº	%	P.R	Nº	%	PR
Volitivo	32	65%	.562	17	35%	.438
Existencial	2	67%	.514	1	33%	.486
Outros	2	67%	.514	1	33%	.486
Cognitivo	9	39%	.367	14	61%	.633
Total	45			33		
Significância		Input				
0.008		0.613				

Os nossos dados evidenciam que o uso do subjuntivo é favorecido sob o escopo de verbos volitivos com percentual de 65% e peso relativo de .562. Esses verbos se mostraram os mais produtivos na amostra analisada com um total de 49 ocorrências.



Alguns trabalhos da Literatura Linguística também evidenciaram essa tendência do subjuntivo ser favorecido sob o escopo de verbos volitivos: Carvalho (2007) - 95%, P.R .98 e Pimpão (2012) - 95%, P.R .896.

O resultado demonstrado pelo grupo de fator tipo de verbo na matriz atesta a nossa hipótese de que o valor semântico do verbo da matriz exerce influência na seleção do modo verbal na oração completiva. Dando sequência à análise dos dados, na próxima subseção, analisaremos a variação do modo subjuntivo no grupo de fator estrutura da assertividade da oração.

RESULTADO DA VARIÁVEL ESTRUTURA DA ASSERTIVIDADE DA ORAÇÃO

Tínhamos, como hipótese norteadora, a ideia de que o escopo da negação favoreceria o emprego do subjuntivo na estrutura de complementação. Os resultados evidenciados, na tabela 3, contudo, conduzem-nos a outra direção.

Tabela 3: Atuação da variável estrutura da assertividade da oração na variação do subjuntivo

FATORES	MODO VERBAL					
	Subjuntivo			Indicativo		
	Nº	%	P.R	Nº	%	P.R
Afirmção na matriz e na oraçaõ completiva	49	71	.565	20	29	.435
Negaçaõ na matriz e afirmaçaõ na completiva	3	38	.277	5	62	.723
Afirmaçaõ com negaçãõ na oraçaõ completiva	2	29	.185	5	71	.815
Total	54		30			
Significância		Input				
0.008		0.613				

Os nossos dados revelam que as cláusulas que tinham o operador de negação desfavoreciam o uso do subjuntivo. Vejamos os resultados: o fator “Negação na matriz e afirmação na completiva” desfavoreceu uso do subjuntivo com o percentual de 38% e peso relativo de .277. O fator “Afirmção com negação na oraçaõ completiva” mostrou-se com o percentual de 29% e peso relativo de .185, também, desfavorecendo o uso desse modo verbal.

Em relação às asserções afirmativas, o percentual de 71% e peso relativo de .565 favoreceu o uso do subjuntivo. Com isso, concluimos que o escopo da negação não exerce influência no condicionamento de uso do subjuntivo no *Corpus* PPVC. Esses dados se contrapõem aos resultados encontrados por Carvalho (2007) que ao analisar a variação do subjuntivo em função do tempo presente, atestou que as asserções negadas favoreceram o uso do subjuntivo com os seguintes resultados: (i) Negação na matriz/afirmação na encaixada com o percentual de 69% e peso relativo de .99. (ii) Negação na matriz/negação na encaixada com 75% e peso relativo de .96 e (iii) Afirmção na matriz/negação na encaixada com 26% e peso relativo de .73.

À semelhança dos resultados apresentados por Carvalho (2007), Pimpão (2012) comprovou que o escopo de negação, em qualquer tipo de oraçaõ, favorece o uso do presente do subjuntivo. Vejamos os resultados apresentados pela autora: (i) NEG + AF – com 69% e peso relativo de .755 (ii) (Não) que (não) teve o uso categórico de formas do

subjuntivo. (iii) Não (é) (por) que (não) - com 50% e peso relativo de .562 e (iv) AF+ NEG/NEG+NEG – com 50% e peso relativo de .490.

O fato do escopo da negação nas cláusulas não favorecer o uso do subjuntivo nas estruturas de complementação, nos levou a retomar os dados para observar se tinham forças atuando conjuntamente para que as orações afirmativas fossem *locus propício* para o uso do subjuntivo.

Descobrimos que dos 49 dados de uso do subjuntivo em contexto de subjuntivo no *fator afirmação na matriz e na oração completiva* (Cf. tabela 3), 28 são construções com o verbo volitivo na oração matriz o que equivale a 57% de uso da forma padrão. Ao tratarmos

do grupo de fator *tipo de verbo na oração matriz* (Cf. tabela 2), vimos que os verbos volitivos favorecem o uso do subjuntivo. Mediante isso, podemos afirmar que há uma inter-relação entre as asserções afirmativas e o tipo de verbo da matriz, que exerce, dessa forma, influência na seleção do modo verbal nas orações encaixadas.

RESULTADO DA VARIÁVEL NÍVEL DE ESCOLARIDADE

O resultado para esse grupo de fator está distribuído na tabela 4, a seguir:

Tabela 4: Atuação da variável nível de escolaridade na variação do subjuntivo

MODO VERBAL	NÍVEL DE ESCOLARIDADE					
	Até 5 anos de escolarização			Sem escolaridade		
	Nº	%	P.R	Nº	%	P.R
Subjuntivo	28	61	.573	11	55	.336
Indicativo	18	39	.427	9	45	.664
Total	39			20		
Significância	input					
0.001	0.528					



Os nossos dados evidenciam que os informantes que tiveram até cinco anos de escolarização são os que mais utilizaram a forma padrão com o percentual de 61% e peso relativo de .573. Com esses resultados, nossa hipótese de que os falantes que foram inseridos no universo escolar e tiveram contato com a aprendizagem formal, ainda que precária, produziram em maior índice enunciados utilizando formas do subjuntivo foi atestada.

CONCLUSÕES

Os dados de nossa pesquisa revelam que o subjuntivo é condicionado pelo valor semântico do verbo da oração matriz que exerce uma força de integração entre as cláusulas -

principal e subordinada, constituindo, dessa forma, como uma força propulsora para a seleção do modo verbal na encaixada.

O escopo da negação nas asserções não é um fator que favorece o subjuntivo na completiva na amostra analisada, mas a maior produtividade desse modo verbal se encontra nas asserções afirmativas como ambiente favorecedor das formas subjuntivas.

Em relação à variável escolaridade, podemos depreender correlações significativas. Vimos que o acesso ao mundo letrado, ainda que precário, foi um fator que condicionou o uso do subjuntivo. A nossa pesquisa aponta que esse foi o elemento favorecedor para a aplicação da regra desse modo verbal na comunidade de fala de Vitória da Conquista.

O presente estudo revela, ainda, que o subjuntivo mostrou-se como uma forma não marcada o que provoca uma cristalização dessa forma linguística fazendo com que, na interação do processo comunicativo, por razões motivacionais, o falante prefira utilizar a forma indicativa em alguns contextos, gerando uma variação/estratificação e, conseqüentemente, levando a um Processo de Gramaticalização desse modo verbal.



REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 2009. 46. ed.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. 37. ed.
- CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.
- CARVALHO, Hebe Macedo de. **A alternância indicativo/subjuntivo nas orações substantivas em função dos tempos verbais presente e imperfeito na língua falada do Cariri**. Tese de Doutorado, Fortaleza, 2007.
- CUNHA, Angélica Furtado da; COSTA, Marcos Antonio; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, Maria Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de e MARTELOTTA, Eduardo Mário (Orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 3. ed.
- GUY, Gregory R; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- GIVÓN, Talmy. **Syntax: an introduction**. v.1. Amsterdam: John Benjamins, 2001.
- GIVÓN, Talmy. **Compreendendo a gramática**. Natal: EDUFERN, 2011.
- HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticization. In: TRAUOGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (eds.). **Approaches to Grammaticalization: Focus on Theoretical and Methodological Issues**. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991, p. 17-35.
- KURY, Adriano da Gama. **Pequena gramática: para a explicação da nova nomenclatura gramatical**. rev. Rio de Janeiro: Agir, 1964. 9. ed
- LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, M^a Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LIMA, Joana Angélica Santos. **O presente do subjuntivo na fala de Salvador: um estudo variacionista**. Dissertação (Mestrado). UFMG, Belo Horizonte, 2012.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Mudança Linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.
- MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2007. 3.ed.
- PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo Ática, 1998. 3. ed.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

- PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. **Uma história de delimitações teóricas: 30 anos de semântica no Brasil.** D.E.L.T.A. v.15, n. especial, São Paulo, 1999.
- PIMPÃO, Tatiana Schwochow. **Uso variável do presente do presente no modo subjuntivo:** uma análise de amostras de fala e escrita das cidades de Florianópolis e Lages nos séculos XIX e XX. Tese (doutorado). UFSC, Florianópolis, 2012.
- SILVA, Jorge Augusto Alves da. **A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil:** um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior do estado da Bahia. Tese de doutorado: Salvador, 2005.
- SOUSA, Valéria Viana. **Os (Des)caminhos do você:** uma análise sobre a variação e mudança na forma, na função e na referência do pronome você. Tese de doutorado: João Pessoa, 2008.
- TAVARES, Maria Alice. **A gramaticalização de e, aí, daí, e então:** estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo funcionalista. Tese (doutorado)- UFSC, Florianópolis, 2003
- WEINREICH, Uriel; LABOV, Willian; Herzog, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** Tradução de Marcos Bagno e Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.